

## **Reflexão sobre os atores da inclusão escolar: Relato de experiência em uma escola municipal em Fortaleza-Ce.**

Autor principal<sup>1</sup> - Érica Vasconcelos Cajazeiras  
Coautor<sup>2</sup> - Marcela Alexandre Rodrigues Caetano  
Orientadora - Francisca Geny Lustosa

### **RESUMO**

O presente trabalho envolve um relato de experiência em uma escola pública da rede municipal de Fortaleza, Ceará, Brasil, localizada no bairro Jangurussu. Diante do desafio de incluir uma criança com autismo, não alfabetizada, matriculada no 3º ano do ensino fundamental, verificou-se a necessidade de pensar estratégias que viabilizassem a sua permanência e participação na sala regular. A intenção era compreender a forma de agir da criança e intervir no intuito de favorecer sua participação produtiva nas atividades da escola, bem como o envolvimento com os demais indivíduos da instituição com os quais convivia. As concepções teóricas que embasaram a pesquisa estão relacionadas à valorização das relações (indivíduo/meio e entre indivíduos) e reconhecimento das singularidades nos processos de desenvolvimento de um ser capaz de produzir o próprio conhecimento (FIGUEIREDO; MANTOAN; VYGOTSKY). Esse relato se utiliza de registros orais da professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE), autora principal do artigo, retratando a sua convivência pessoal com a criança, além de falas dos alunos, professores e demais funcionários da escola relacionadas ao aluno. Tratou-se de uma vivência compartilhada e construída por muitas mãos que, apesar dos desafios, possibilitou ao estudante experiências favoráveis à sua evolução tanto em relação aos conhecimentos escolares adquiridos, quanto ao convívio social.

Palavras-chave: Autismo, Inclusão, Ações Coletivas.

### **INTRODUÇÃO**

No ano de 2023 a Escola Municipal André Luís, localizada no bairro Jangurussu em Fortaleza - CE, recebeu na turma do 3º ano um estudante com autismo, que tinha muita resistência em entrar e permanecer na sala de aula comum. As professoras traziam relatos de que ele não conseguia participar das atividades por conta da inquietação e era indiferente aos conteúdos.

O aluno em questão, costumava permanecer durante todo o período em que estava na escola andando e explorando os ambientes em busca de insetos (grilos, formigas, aranhas, borboletas) e pequenos animais (lagartos, sapos, rãs), já que estes eram seus

1. UFC ([erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br](mailto:erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br))
2. UFC ([profmarcelacaetano@gmail.com](mailto:profmarcelacaetano@gmail.com))

maiores interesses. Enquanto fazia seu percurso conversava com quem encontrasse sobre as curiosidades referentes aos seres que encontrava, demonstrando muita propriedade no que dizia e conhecimento sobre as características de cada (o que comiam, se eram venenosos, como se reproduziam, dentre outras). Há de considerar que a criança não era alfabetizada, ele conseguia as informações através de vídeos que assistia na internet enquanto estava em casa, além disso, dedicava muita atenção ao que examinava e conseguia compreender rapidamente as informações articulando com conhecimentos adquiridos anteriormente (comparava o comportamento de diferentes animais e fazia associações).

A dificuldade da criança em permanecer em sala regular durante as aulas apresentava relação direta tanto com o interesse pelos assuntos e abordagens trabalhados em sala, quanto pela forma que era enxergada pela professora e os colegas. Tal imagem negativa que existia sobre a criança prejudicava o processo de socialização com os demais alunos, além de desestimular a professora quanto a organização de suas ações pedagógicas de forma que envolvesse o estudante nas atividades propostas. A criança em questão sentia-se indesejada na sala de aula e atribuía a si a dificuldade em participar, julgando-se pouco capaz e assumindo o papel que lhe era atribuído de ser indisciplinado e desinteressado.

Quando permanecia em sala regular, o que ocorria muito pontualmente, apresentava muita inquietação e não costumava participar dos momentos propostos pela professora. O comportamento apresentado pela criança era entendido pela educadora como inadequado e a mesma costumava justificar a não participação da criança por se tratar de alguém “mal educado”, que não tinha interesse em aprender. As demais crianças da escola o chamavam de “esquisito”, zombando dele pelo fato de sempre estar cercado de insetos e ser ausente da sala de aula.

Diante deste contexto surgiram algumas questões: Quem são os responsáveis pelo desenvolvimento escolar do aluno? Como estimular a participação da criança nas atividades em sala regular e demais ambientes da escola para que avance em seu desenvolvimento? Que estratégias poderiam facilitar o envolvimento da criança com os demais colegas e o estabelecimento de relações sociais produtivas?

1. UFC ([erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br](mailto:erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br))
2. UFC ([profmarcelacaetano@gmail.com](mailto:profmarcelacaetano@gmail.com))

A partir de então verificou-se a necessidade de buscar estratégias que fossem favoráveis a sua permanência e participação em sala de aula regular. Havia a preocupação com seu desenvolvimento além da preservação de sua integridade física (em alguns momentos machucou-se pela escola, correu o risco de manusear animais perigosos etc.), considerando que ele tinha pouca sensibilidade à dor (costumava ser picado por formigas e chegar com machucados de casa sem queixar-se de nenhum incômodo).

Os estudos realizados utilizaram como base teórica FIGUEIREDO (2010), MANTOAN (2015) e VYGOTSKY (2024). Autores que compreendem que a educação como sendo um processo social que precisa das relações com o outro e o meio e que a valorização das diferenças possibilita entender o outro na sua individualidade com intenção de favorecer a sua participação ativa na coletividade e os avanços em seu desenvolvimento.

## **METODOLOGIA**

Ao perceber a rotina curiosa da criança pela escola, a professora da Sala de Recursos Multifuncionais (SRM), passou a acompanhá-la durante o recreio, participando de suas explorações e conversando com ela a respeito de suas descobertas, pois para Mantoan (2015), “...um professor que engendra e participa da caminhada do saber “com” seus alunos consegue entender melhor as dificuldades e as possibilidades de cada um...”.

Houveram situações em que trouxe de casa a curiosidade, por exemplo, quando chegou acompanhado de uma garrafa cheia de lama. Ao ser questionado sobre o seu objeto, explicou que tratava-se de um grupo de girinos que eram filhotes de duas “rãs tigras” que ele criava dentro de um aquário em casa. Ao final do dia, ele voltou na SRM para exibir os filhotes que haviam se formado, demonstrando satisfação com o ocorrido. Em outros episódios, encontrava os animais pela escola e trazia a análise para a SRM. Como fez quando achou um grilo com aspecto opaco e comentou que o mesmo estava “trocando de pele”, sentou próximo da SRM para esperar a conclusão do processo e levou o animal para mostrar a professora com a intenção de comprovar sua teoria.

1. UFC ([erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br](mailto:erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br))
2. UFC ([profmarcelacaetano@gmail.com](mailto:profmarcelacaetano@gmail.com))

Era proposto, portanto, que o aluno apresentasse o que havia aprendido sobre os animais aos colegas em sala de aula, já que a criança apresentava um discurso muito elaborado e conhecia detalhadamente cada ser que analisava.

Na SRM, a professora ciente do interesse do aluno por insetos, pequenos animais e microrganismos, elaborou o plano de ação para trabalhar com a criança nos atendimentos individualizados considerando, de acordo com Vygotsky (2004), “a educação se faz através da própria experiência do aluno, a qual é inteiramente determinada pelo meio, e nesse processo o papel do mestre consiste em organizar e regular o meio”. A proposta era envolver o assunto nas tarefas oferecidas à criança e utilizar recursos, tais como computador, microscópio, lupa, dentre outros, que permitissem realizar suas análises (observar as características e os hábitos dos seres trazidos pelo aluno), posteriormente eram propostas tarefas envolvendo escrita e leitura utilizando-se dos nomes dos seres trabalhados no atendimento. Os atendimentos na SRM aconteciam semanalmente, porém todas as vezes que a criança trazia uma novidade era acolhido e trabalhado com ele o objeto escolhido. O vínculo estabelecido entre a educadora e o estudante foi fundamental para desenvolver relações de afetividade e segurança, o que possibilitou a aproximação com a criança e compreensão sobre o seu desenvolvimento.

Nas semanas de reuniões com os professores (mensais) tais estratégias utilizadas pela professora da SRM eram compartilhadas com a profissional da sala regular que atuava diretamente com a criança, considerando que, Mantoan (2015) afirma que a “cooperação, as autonomias intelectual e social e a aprendizagem ativa são condições que propiciam o desenvolvimento global de todos os professores...”, bem como outras eram pensadas coletivamente com a intenção de estimular a participação e o aprendizado dos conteúdos escolares na sala comum.

A intenção inclusiva primou pelo trabalho colaborativo, envolvendo todos os indivíduos que compõem o ambiente escolar na qual o aluno estava inserido (alunos, professores, funcionários, famílias, gestores), pois, segundo Mantoan (2015) é importante defender “uma escola única e para todos, em que a cooperação substituirá a competição, pois o que se pretende é que as diferenças se articulem e se componham...”. Nessa

1. UFC ([erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br](mailto:erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br))
2. UFC ([profmarcelacaetano@gmail.com](mailto:profmarcelacaetano@gmail.com))

perspectiva é considerado que a criança faz parte da escola e a responsabilidade de seu pleno desenvolvimento é de todos que participam do ambiente escolar.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As observações realizadas da criança em diferentes ambientes e situações na escola possibilitaram perceber que o aluno em estudo apresentava um grande potencial de aprendizagem, além de um repertório considerável de conhecimentos prévios que foram essenciais nesta caminhada escolar e que precisavam ser considerados. Como diria Vygotsky (2004): “A educação deve ser organizada de tal forma que não se eduque o aluno mas o próprio aluno se eduque”.

A aproximação maior com a criança e a abertura para que se expressasse e pudesse ser compreendido, possibilitou mudanças da concepção anterior na qual o aluno era considerado como o “problema” naquele contexto. Mantoan (2015) entende que o “fracasso” continua sendo do aluno, quando a escola reluta em admiti-lo como sendo seu.

Por conta dos momentos em que a criança tinha a oportunidade de compartilhar seus conhecimento em sala de aula com os colegas, mudou-se a ideia inicial, relatada por algumas crianças, de que tratava-se de um aluno “esquisito” tornando-o, inclusive, muito popular na escola pois era alguém que detinha muito conhecimento sobre os animais. Os colegas o acompanhavam no recreio e o procuravam pela escola para conversar sobre os assuntos que sabiam que ele entendia.

A interação com os demais passou a ser mais produtiva e a sua autoimagem também sofreu modificações, já que passou a falar de si de forma positiva e com maior confiança. Percebeu-se ainda que a dificuldade inicial da criança em lidar com suas emoções diminuiu (se machucava e tendia a agir com impulsividade e agressividade quando estava enraivecido), pois passou a procurar ajuda quando sentia-se irritado, controlando os impulsos e procurando outras estratégias para se regular (isolar-se, caminhar, conversar com alguém).

Dentre os desafios encontrados, o que mais evidenciou-se foi a dificuldade da educadora da sala regular em organizar seu trabalho pedagógico de forma inclusiva, já

1. UFC ([erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br](mailto:erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br))
2. UFC ([profmarcelacaetano@gmail.com](mailto:profmarcelacaetano@gmail.com))

que costumava pautar suas práticas e planejamentos em práticas restritas aos conteúdos dos livros didáticos e de forma expositiva. Era notória a dificuldade da professora da sala regular em rever suas concepções acerca da criança e, portanto, ajustar suas práticas pedagógicas a fim de incluir o aluno. A insegurança, a pouca credibilidade dedicada à criança, e a formação deficitária interferem consideravelmente na postura assumida pela educadora que verbalizava “não estou preparada para lidar com o aluno”, que “ele não tem interesse em fazer as tarefas e em aprender”, além de “tenho muitas crianças em sala e não tenho condições de dedicar atenção exclusiva a ele”. Mas, afinal, ela não estava sozinha na escola!

A equipe de funcionários e gestores, além dos alunos e demais professores, ajudaram, através do exemplo e de oportunidades de conversa com a professora, a ampliar sua visão acerca da criança e de seus processos de desenvolvimento. Ela reviu algumas práticas (trouxe em algumas aulas temas envolvendo o hiperfoco da criança, permitia sempre que expusesse seus conhecimentos sobre os materiais que trazia), porém a necessidade investigativa da criança exigia que estivesse em constante pesquisa nos ambientes da escola e, por conta disso, costumava sair durante as aulas para realizar suas observações (mesmo estando mais frequente às aulas). Os momentos em que estava fora da sala de aula eram agora entendidos como curiosidade ao invés de desinteresse e muitas vezes o estudante era acompanhado por outros alunos, professores de outras turmas, gestores e outros funcionários da escola. Figueiredo (2010) defende que deve-se valorizar o papel social do aluno o qual deve ser reconhecido como sujeito que traz contribuições ao desenvolvimento dos saberes individuais e coletivos. Para isso precisa estar imerso em situações de aprendizagem e propostas didáticas que favoreçam sua participação. O ambiente escolar o acolheu como seu e neste local o aluno era entendido e respeitado no seu jeito de ser e nos seus tempos de aprendizagem.

O trabalho colaborativo é de fundamental importância no processo de inclusão escolar das crianças. Ao saber que não está sozinho diante dos desafios, o professor sente mais segurança em realizar o seu trabalho e motivação para pensar em todos que estão na turma. Entende que faz parte de um grupo que está disposto a ajudar e valorizar o seu trabalho. Além disso, as trocas de conhecimentos e experiências entre os envolvidos possibilita pensar em estratégias e amplia o olhar de valorização das aptidões individuais

1. UFC ([erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br](mailto:erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br))
2. UFC ([profmarcelacaetano@gmail.com](mailto:profmarcelacaetano@gmail.com))

dos estudantes que são percebidas não somente pelo educador com o qual convive diariamente, mas por todos que participam da sua trajetória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos foram os avanços percebidos durante o ano, tais como a valorização dos conhecimentos que a criança trazia, a imagem positiva que os demais construíram sobre o estudante (o que favoreceu a sua socialização e construção também de uma autoimagem positiva), o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita (a princípio encontrava-se no nível pré-silábico de escrita, caminhando até o silábico alfabético, sendo capaz de ler palavras canônicas). A sua permanência e participação das atividades em sala regular permaneceram pontuais, apesar de acontecerem com maior frequência e qualidade o aluno não conseguia atentar-se por muito tempo a algo que não fizesse referência ao seu hiperfoco. Considera-se que também permaneceram tímidas as iniciativas da professora da sala regular que favorecessem a inclusão do aluno, porém cada atitude na intenção de incluí-lo teve sua importância. O aluno é responsabilidade da escola e como tal deve ser acolhido e incluído por ela. As ações coletivas e a valorização do outro como sujeito fizeram a diferença no desenvolvimento do estudante em questão e este, por sua vez, “afetou” a maneira de enxergar o indivíduo em suas peculiaridades.

Diante das observações, tornou-se ainda evidente a dificuldade em compreender que os desafios não são inerentes à criança. O ambiente e as práticas pedagógicas são os responsáveis pelas barreiras que impedem o pleno desenvolvimento das habilidades do estudante. Nesse sentido, a construção da escola inclusiva é um processo que precisa de tempo, interesse particular dos indivíduos, formação continuada, adaptações de recursos e didáticas, trabalho colaborativo e, principalmente, valorização da individualidade da pessoa a ser incluída. Romper com o imaginário de que somos todos iguais, temos ritmos semelhantes (ou deveríamos ter), agimos de forma programada e que temos que nos adequar à realidade é difícil pois fomos educados nessa cultura que homogeneiza, mas é um processo necessário se quisermos caminhar adiante dentro da perspectiva da educação inclusiva.

1. UFC ([erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br](mailto:erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br))
2. UFC ([profmarcelacaetano@gmail.com](mailto:profmarcelacaetano@gmail.com))

Finalmente, não só o estudante em questão usufruiu da construção desta jornada escolar dentro de uma visão inclusiva. Todos os envolvidos saíram em vantagem, pois tiveram a oportunidade de participar desta caminhada. Compreender que estamos em constante processo de mudança e aprendizado, que o outro tem muito a nos ensinar, é essencial quando pensamos em inclusão escolar.

## **REFERÊNCIAS**

FIGUEIREDO, R. V. de. **Incluir não é inserir, mas interagir e contribuir.** Inclusão: Revista da Educação Especial, Brasília, v. 5, n. 2, p. 32-38, jul./dez. 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** - São Paulo: Summus, 2015.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica.** 2ª edição. São Paulo. Martins Fontes. 2004.

1. UFC ([erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br](mailto:erica.vasconcelos@educacao.fortaleza.ce.gov.br))
2. UFC ([profmarcelacaetano@gmail.com](mailto:profmarcelacaetano@gmail.com))